OS CAMINHOS DO CONFLITO: TORCIDAS ORGANIZADAS DE FUTEBOL E A TERRITORIALIZAÇÃO DA CIDADE. (1981 – 2010)

Josiane Maria de Castro Ribeiro*

RESUMO

As torcidas organizadas de futebol começaram a surgir no Ceará por volta do início da década de 80 do século XX. Nossa proposta com esse texto é tratar dois aspectos importantes, que circundam o universo das organizadas. Primeiro: apresentar as organizadas como resultante de uma geopolítica juvenil, que, por sua vez, promove uma intensa territorialização dos espaços da cidade. Segundo: discutir os sentidos de uma dimensão ainda pouco explorada da experiência dos torcedores organizados, qual seja, a troca de correspondências, entre integrantes de torcidas diferentes, espalhadas pelo território nacional. Para tanto, realizamos um diálogo que se situa no campo da História Social e nos amparamos em autores como E. P. Thompson, Pierre Bourdieu, Luiz Henrique de Toledo e Loïc Wacquant.

Palavras-chave Torcidas organizadas, reciprocidade, territórios, conflitos.

ABSTRACT

The soccer cheerleaders began to emerge in Ceará around the beginning of the 80s of the twentieth century. Our purpose with this text is to address two important aspects that surround the universe of the cheerleaders. First, introduce the cheerleaders as a result of a youthful geopolitics, which promotes intense territorialization of city spaces. Second, discuss the meanings of a low explored dimension of the soccer fans's experiences, which is the exchange of correspondence between members of different cheerleaders, around the country. For that, we conducted a dialogue that is in the field of Social History and we relied on authors like E. P. Thompson, Pierre Bourdieu, Luiz Henrique Toledo and Loïc Wacquant.

Key words: Cheerleaders, reciprocity, territories, conflicts

RECEBIDO: 04 de novembro de 2016
AVALIADO: 11 de maio de 2017

* Mestre em História Social pela Universidade Federal do Ceará. Doutora em Sociologia pela mesma Universidade. Professora Adjunta do Departamento de História da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Líder do Grupo de Pesquisa em História Social da Cultura. Endereço: Av Senador Virgílio Távora, 2001, casa 06. Dionísio Torres. Email: jodaribeira@gmail.com.

Introdução

Iniciar uma reflexão acerca da interface juventudes, identificações e cidade constitui, sempre, um desafio, pois tais categorias apresentam-se como generalizações de um vasto campo de representações, experiências, anseios e contradições. Desta forma, devo, desde já, dizer que tratarei de um segmento específico da juventude: os jovens que integram as torcidas organizadas de futebol em Fortaleza. Trata-se, na verdade, de perceber como a construção das identificações dos torcedores organizados se realiza num imbricamento com a construção paralela de uma corporalidade excessivamente viril e com a territorialização da cidade. Importa salientar que a própria elaboração destas identificações parte de uma busca e da conquista do direito à cidade.

Sendo assim, trabalhamos com duas torcidas de um mesmo time: a Torcida Organizada Cearamor e a torcida Movimento Organizado Força Independente.[1] A escolha por duas torcidas voltadas para um mesmo clube respondeu à necessidade de circunscrever de forma mais profícua os aspectos que dizem respeito à experiência de bairros, e que fogem ao campo propriamente esportivo. A opção se deveu ao fato de que, à época da pesquisa, as duas torcidas tinham uma relação de intenso conflito entre si, a despeito de serem ambas dedicadas ao Ceará Sporting Club. A partir de tal escolha, buscamos entender como o evento futebolístico foi transformado em arena e linguagem, para dizer de uma experiência mais ampla, construída nos embates cotidianos pelos espaços da cidade.

O texto que apresentamos aqui faz parte das reflexões presentes na nossa tese de doutoramento "Conflitos, territórios e identificações: o encontro de experiências nas torcidas organizadas Cearamor e M.O.F.I". Desta forma, nos propomos a apresentar, sucintamente, dois aspectos relevantes da pesquisa: a relação entre as torcidas e o investimento na intensa territorialização da cidade e, em seguida, a prática de troca de correspondências entre torcedores de torcidas diferentes.

[1] Para facilitar a exposição, a partir deste ponto chamaremos as respectivas torcidas de Cearamor e MOFI.

Geopolítica Juvenil e a Reconstrução das Fronteiras da Cidade.

No Ceará, as torcidas organizadas dos clubes de maior representatividade local começaram a se estruturar no início da década de oitenta, com a finalidade de "ajudar o time da melhor maneira possível", o que num primeiro sentido, corresponde ao espetáculo realizado nas arquibancadas durante os jogos dos seus respectivos clubes. Todavia, "ajudar o time da melhor maneira possível" se desdobra numa polissemia ampla que agrega um variado campo de ações. Em virtude da brevidade do texto aqui proposto, não cabe resgatar a história e os percursos destes grupos de torcedores. Devo apenas asseverar que as torcidas, inicialmente com um número reduzido de membros, hoje dispõem de milhares de integrantes. Estes são intensamente devotados à torcida organizada, devoção esta que não se restringe aos dias de jogos, pois é vivenciada cotidianamente nos bairros, bailes, sedes da torcida e nos estádios.

Para desempenhar o seu papel a torcida organizada precisa ser grande, quanto maior, melhor. Maior demonstração de força e beleza na execução das músicas e coreografias, maiores possibilidades de lucros com a comercialização dos produtos da torcida, maior disposição para o conflito, quando for necessário. E ele, o conflito, sempre é necessário. A disposição para o conflito tornou-se um sinal de pertencimento, um ritual a ser cumprido e um bônus pela dedicação à organizada.

Quando digo do bônus, estou me referindo à aura de perigo que acompanha as torcidas, capital simbólico cuidadosamente construído pelos integrantes, e que está à disposição mesmo daqueles que nunca participaram de uma briga. Isto porque existe um número bastante considerável de integrantes de organizadas mal saídos da infância e, mesmo eles, apresentam uma postura marcadamente viril. Na verdade, a necessidade do conflito real, bem como do conflito como possibilidade e potência, constitui uma distinção das formas coletivizadas de torcer atualmente.

Digo isso porque a rivalidade entre torcedores de times diferentes sempre existiu, bem como casos de brigas, mais ou menos graves, entre torcedores rivais. No entanto, com a sedimentação das torcidas organizadas, a rivalidade em relação ao torcedor adversário é, ela própria, reconfigurada. O adversário deixa de ser apenas aquele que torce por outro time, podendo vir a ser, também, o torcedor do mesmo clube, porém de outra torcida organizada.

Na época da pesquisa a rivalidade entre torcedores organizados era vivenciada de diferentes formas. Inicialmente, existia a que envolvia e opunha torcedores de times adversários. Existia ainda a rivalidade entre integrantes de uma mesma torcida, mas de alas, bairros e gangues diferentes; e por fim, a rivalidade entre torcidas organizadas de um mesmo time.

A despeito da disputa reconhecida como constitutiva do campo futebolístico, aquela que opõe torcedores de times adversários, as duas assinaladas em seguida devem ser entendidas – e acredito que só podem ser compreendidas assim – à luz das práticas de territorialização que se constroem nos bairros da cidade e que seguem as experiências e identificações dos jovens que integram as torcidas. Acompanhar o traçado desta geopolítica juvenil possibilita apreender os valores e os significados que informam a experiência dos sujeitos sociais, bem como a apreensão da lógica e do sentido de suas práticas, que de outro modo permaneceriam exteriores, estranhas e ininteligíveis. O conceito de experiência social[2], desenvolvido por E. P. Thompson, possibilita construir o enfrentamento das explicações selvagens de "violência gratuita", "sintoma da pobreza", ou "vandalismo", que usurpa o lugar de agente dos jovens torcedores organizados, e age por eles.

A imensa maioria dos jovens que compõe as torcidas organizadas, em Fortaleza, situa-se num lugar social de pobreza, cujo cotidiano é crivado pela sucessão de ausências e lacunas que perfilam o cotidiano dos indivíduos que se alinham sob esta condição. A torcida organizada agrega um segmento juvenil que para se constituir como sujeito dispõe de muito pouco. Todavia, persiste a necessidade de falar de si, de definição e afirmação no mundo. É esta necessidade que está na base do investimento numa corporalidade intensa, viril. Toledo assevera a importância da utilização da noção de corporalidade, "imprescindível na formulação das estratégias de distinção e fixação de estilos que modulam a sociabilidade jovem metropolitana e o quanto o próprio corpo do pesquisador foi o veículo dessa inteligibilidade".[3] Será essa corporalidade, disposta ao conflito, voltada para identificações territoriais e experimentada no circuito das torcidas organizadas, o princípio de especificidade desta experiência juvenil, diante de diversas outras possibilidades de vivências.

Um dado que não pode escapar à percepção do pesquisador diz respeito à organização dos integrantes das torcidas por bairros e, vinculado a isso, à exaltação dos bairros através de montagens[4] e da própria "disposição" de seus integrantes. Como exemplo, a montagem dos torcedores residentes no Distrito Industrial de fortaleza.

---

[2] "[...] Os homens e mulheres também retornam como sujeitos, dentro desse termo – não como sujeitos autônomos, indivíduos livres, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e antagonismos, e em seguida tratam essa experiência em sua consciência e sua cultura [...] das mais complexas maneiras (sim, relativamente autônomas) e em seguida (muitas vezes, mas nem sempre, através das estruturas de classe resultantes) agem, por sua vez, sobre sua situação determinada". THOMPSON, E. P. **A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros:** uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1981. Pg 182.

[3]TOLEDO, Luiz Henrique de. **Corporalidade e festa na metrópole**. In MAGNANI, José Guilherme C. e SOUZA, Bruna Mantese (organizadores) Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. 1ed. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007, Pg 258.

[4] Músicas produzidas e executadas pelas torcidas, cuja estética é marcadamente influenciada pelo funk. As montagens objetivam, sobretudo, exaltar o próprio bairro, mas também o próprio time e torcida, bem como depreciar o time e torcida adversários. Cf. RIBEIRO, Josiane Maria de Castro. **Experiência e sentido nas torcidas organizadas Cearamor e M.O.F.I**. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2011, Pg 172.

> Ala Infernal, o Comando Industrial
> Tuf gay tu sai da frente, Se ficar tu passa mal;
> Os garoto são maluco
> Só moleque quebrador. Sou da ala Infernal
> Cuidado com a Cearamor.

Tal exaltação pode parecer paradoxal, uma vez que a maioria destes bairros caracteriza-se pela deficiência de equipamentos urbanos, carência material e estigma que emana do bairro para os moradores. Observando os bairros cujos integrantes investem com mais intensidade na corporalidade de conflito e na identidade territorial, percebe-se que muitos se enquadram na definição de Wacquant:

> Comunidades estigmatizadas, situadas na base do sistema hierárquico de regiões que compõem uma metrópole, nas quais os párias urbanos residem e onde os problemas sociais se congregam e infeccionam, atraindo a atenção desigual e desmedidamente negativa da mídia, dos políticos e dos dirigentes do Estado. São locais conhecidos, tanto para forasteiros como para os mais íntimos, como 'regiões-problema', 'áreas-proibidas', circuito 'selvagem' da cidade, territórios de privação e abandono a serem evitados e temidos, porque têm ou se crê amplamente que tenham excesso de crime, de violência, de vício e de desintegração social.[5]

Mesmo em locais que não podem ser definidos como favelas, é forçoso apontar a existência de divisões internas, a partir das quais é possível perceber uma parte da população que, mesmo experimentando a carência e a privação material, educacional etc, ainda garante, através de arranjos familiares, a própria subsistência, escapando do padrão inferior dos que vivem em favelas dentro destes bairros já empobrecidos. Como exemplo, o bairro Bom Jardim, cujos moradores fazem referência constante à "favela de lá de dentro", descrita como um lugar perigoso, ocupado por vagabundos, ladrões e traficantes, uma espécie de enclave de degradação e perigo social, uma chaga em meio ao bairro já debilitado pela pobreza e pelo abandono.

Nas entrevistas com os torcedores organizados, pude perceber com clareza que, mesmo aqueles provenientes de bairros mistos, ocupavam lá os lugares menos favorecidos. Esta leitura se fez através da observação de suas falas, da escrita, quando havia, do conteúdo das respostas às perguntas simples que, muitas vezes, requeriam uma segunda e terceira explicação.

O torcedor organizado se coloca, portanto, como aquele que sofre, em gradações mais ou menos intensas, os efeitos drásticos da *"violência estrutural"*, ou *"violência vinda de cima"*, descrita por Wacquant, como o motor de dualização da metrópole, ao passo que *"ameaça não apenas marginalizar os pobres, mas condená-los à redundância social e econômica direta"*. Essa marginalização se dá de duas formas. A primeira, e mais evidente, através da aglutinação

[5] WACQUANT, Loïc. Os condenados da cidade: estudos sobre a marginalidade avançada; tradução de João Roberto Martins Filho. Rio de Janeiro: Revan; FASE, 2001. Pg 07.

dos segmentos empobrecidos nos bairros periféricos da cidade, ou seja, na sua margem, no seu limite. A segunda se constitui na proliferação de fronteiras dentro de bairros mistos ou pobres, além das quais residem os marginalizados ao extremo, os que vivem na margem além da margem. A respeito deste efeito de fronteira, cito a montagem a seguir.

> (Grupo) jardim, a Tuf[6] tá mal;
> Terror da Cearamor é a Ala Radical.
> Se passar da ponte;
> Vai virar finado.
> Ala Radical, Cearamor bonde malvado.

A montagem acima, que qualifica os jovens do bairro Bom Jardim, refere-se a uma ponte que não pode ser ultrapassada pelos moradores e contendores dos bairros limítrofes do Siqueira e do próprio Bom Jardim, sob pena, inclusive, de morte. Percebemos aqui sinais de uma cidade intensamente territorializada por uma cultura juvenil, voltada para uma sociabilidade de conflito. Afirmamos na tese que tais práticas de territorialização não surgiram com as torcidas organizadas, pois já eram acionadas nos bailes *funks*, realizados em vários clubes da cidade, ainda na década de oitenta do século XX.

A lógica cultural dos bailes *funks* era, de fato, construída para e pelos jovens pobres, moradores das regiões mais desfavorecidas da cidade. Lá se promovia uma inversão significativa de valores hegemônicos, e o jovem que apresentava disposição para a briga e para o roubo era valorizado e celebrado em montagens voltadas para a exaltação de suas realizações. Os bailes se organizavam segundo a geopolítica de aproximações e rivalidades entre grupos de jovens de diferentes bairros da cidade. A localização dos participantes no baile seguia uma divisão em três lados – o A, o B e o C –, e o pertencimento a uma torcida não era propriamente determinante para a definição do lado.

O sucesso dos bailes residia, em minha opinião, em três elementos primordiais: 1. a importância de gozar os excessos propiciados pela ocasião festiva; 2. o efeito de arena, imprescindível para a construção de uma formação cultural juvenil virilizada e 3. a inversão simbólica do estigma imputado aos freqüentadores.

Ora, a grande questão é que, com a proibição dos bailes *funks*, a demanda por estes três elementos passou a ser experienciada nas torcidas organizadas, quando então se articulou um reordenamento de afetos e desafetos entre bairros diferentes ou entre grupos dentro de um mesmo bairro, tendo, aí sim, a torcida como elemento catalizador.

---

[6] Abreviação de Torcida Uniformizada do Fortaleza.

Existia, de fato, uma escala de comportamentos verificáveis e significações socializadas dentro das torcidas observadas. Esta escala situava num extremo os “torcedores de bairro” ou as gangues, grupos considerados, mesmo dentro da torcida, sob o peso de forte estigma pessoal, social e espacial. Eles eram definidos como os que não estavam nem aí, os que não tinham nada a perder, os perigosos, os que brigavam e roubavam, aqueles com quem o diálogo era quase impossível.

No outro extremo estavam os torcedores que, supostamente, “pegaram mentalidade”. Estes estariam interessados em realizar a festa, fazer um espetáculo bonito, não investiriam com muita intensidade em conflitos e estariam próximos da direção, ou mesmo, ocupariam algum cargo ou função na organizada. Entre estes extremos estariam as alas, ou bairros, cujo comportamento é cambiante e obedece às dinâmica de harmonia ou conflito experimentados pela torcida.

Existe, ainda, uma categoria bastante fugidia, eu diria, mas que pela importância merece ser vista com mais cuidado: os torcedores que se correspondem. A prática de escrever cartas se estende sobre todos os subgrupos, sucintamente descritos aqui. As únicas condições necessárias seriam pertencer, efetivamente, à torcida organizada e dominar minimamente a leitura e a escrita. Para chegar a estes torcedores é preciso passar pelos indícios de suas trajetórias. É preciso falar das cartas.

Torcida por Correspondência: Redes de Reciprocidade e Socialização de Saberes.

Sim, é preciso falar das cartas. E inicio dizendo, desde já, que elas revelam uma dimensão interessante do universo simbólico dos torcedores organizados, justamente porque permitem a compreensão de outras significações da experiência de torcedor. Refiro-me ao fato de, ao lado desta corporalidade sempre disposta para “botar o terror”, coexistirem valores como humildade e reciprocidade, também dotados de grande relevância na cultura deste segmento juvenil.

A análise das correspondências permitiu-me perceber que elas atendem a algumas finalidades: é uma forma específica de experienciar o ser torcedor organizado, veicula a divulgação da torcida e a construção de laços entre aliadas e, por fim, promove o aumento da comercialização dos produtos. As cartas foram fundamentais para a compreensão da dimensão empresarial das organizadas. Cito o seguinte exemplo:

Recife, 01-04-99
Caro Amigo F:
Foi com grande satisfação que recebo e respondo sua 1ª carta. Como andam as coisas por aí? Por aqui está tudo bem mesmo depois da eliminação da Copa do Brasil, que decepeceonou a massa rubro negra. Mais o Leão continua bem na copa Nordeste e pernambucano onde conquistamos o 1º turno. Gostei do adesivo que você me mandou mais no ( ) estou sem nenhum da jovem, mais quando tiver em mãos eu ti mando, pode confiar, ok? Como vão as coisas por aí? No momento era isso, aguardo sua breve resposta.
Saudações Rubro Negras.
M V N

A carta informa sobre um padrão de escrita, adotada pelos diferentes correspondentes: todos adotam um modelo para a sua escrita e o seguem sem variações. Os torcedores utilizam uma forma de tratamento, uma saudação inicial. Segue-se um roteiro formado pelas notícias do clube, pelas novidades da torcida, na maioria das vezes referentes aos produtos comercializados, uma referência à troca de artigos e uma despedida também formalizada, utilizada em todas as cartas, variando apenas conforme o autor.

Essa modalidade de torcedor sempre honra o correspondente, não importa o tamanho de sua torcida e a projeção da mesma no circuito nacional de torcedores organizados. Como informou um entrevistado sobre a torcida por correspondência: “nesse meio não existe rivalidade, todo mundo se corresponde com todo a mundo”. O que não significa dizer que as cartas não angariem prestígio para os seus portadores. Existem torcidas de importância reconhecida, seja pelo seu tamanho, seja pela sua disposição em “botar terror”. O status conquistado pela troca de cartas eleva esta prática a uma forma específica de viver a experiência de torcedor organizado.

As cartas também se referem às questões importantes para as torcidas e asseveram o lugar da reciprocidade como elemento essencial para a continuidade da comunicação entre dois correspondentes. Essa reciprocidade obedece a algumas regras, cujo cumprimento denota respeito em relação ao correspondente. Um cuidado importante, que deve ser observado, diz respeito ao formato e qualidade da carta, pois os correspondentes sentem-se desprestigiados quando recebem uma carta padrão. A carta padrão, ou seja, uma carta essencialmente formal significa desconsideração e desrespeito com o interlocutor, sendo motivo para a interrupção das relações de correspondência.

Trocar produtos constituía, também, uma regra da torcida por correspondência, pois denotava respeito e consideração pelo correspondente. Geralmente a troca era de adesivos, que fatalmente tornavam-se parte de grandes coleções, podendo ser vendidos por um valor considerável. Um elemento que, por si só, ressalta a importância das cartas residia na utilização de papel timbrado da torcida. Esses papéis, com as cores, nomes e símbolos das organizadas,

também constituíam artigos colecionados pelos torcedores-correspondentes. As cartas informam do empenho dos torcedores organizados em dotar a sua função de diretor, ou relações-públicas, e a sua empresa-torcida, de todos os utensílios que caracterizam uma empresa de fato, não apenas pela utilização do papel timbrado, mas também pela adoção de carimbo com o nome do integrante e a sua função, em substituição da assinatura.

> RECIFE, 08 de Junho de 1999.
> Prezado Amigo S:
> Saudações RUBRO NEGRAS RECIFENSES, tenho muita honra em poder receber a sua carta, espero que esta ao chegar encontre todos ao seu redor em plena paz & saúde. Por esses lados, empatamos mais um clássico em 0a0 contra o sta. Cruz aqui na ILHA e ficamos na 3ª colocação do 3º turno e nosso próximo jogo será contra o Vitória de sto. antão no caneirão, já na copa NORDESTE, estamos nas semi-finais e iremos enfrentar o VITÓRIA-BA e o 1º jogo sera no BARRADÃO. A novidade, é que a diretoria do SPORT esta apoiando as organizadas do SPORT neste final de campeonato, mais ela pede que as organizadas entenda a situação que o SPORT esta passando e que no lugar das vaias insentive o equipe. S você pode me arrumar um timbrado em branco para minha coleção, já agradeço de já, manda as novidades.
> Sem mais para o devido momento, finalizo esta humilde carta esperando com ansiedade a sua mais breve resposta e deixando um forte abraço RUBRO NEGRO com manchas AMARELAS.
> ATENCIOSAMENTE:
> TORCIDA JOVEM DO SPORT
> C.Dir. Rel. Públicas.

Por outro lado, a análise das cartas revelou que muitas eram escritas no verso de notícias de jornais e revistas, cujo conteúdo tratava da ação violenta das organizadas. As matérias foram recortadas, coladas e copiadas. O verso das cópias foi usado para as cartas endereçadas às torcidas organizadas aliadas e amigas, tendo o redator o cuidado de frisar as partes que atestam a ação de um membro de sua torcida. A exemplo:

> Camisa 12 Comando Metal. 04/12/04
> E aí (...), tudo certo?
> Segue aí um adesivo da união Camisa 12 + Independente, espero que goste e mande algum da M.O.F.I.. Aqui em São Luis os 12 mataram um loco da SRG, segue as reportagens, espero que goste. O inter empatou com o Boca em 0x0, mas não deu pra ir pra final. E aí, como vão as coisas com o Ceará. Como é a relação de vocês com a Cearamor?
> No momento é isso, mande as novas.
> Fui.

Na carta, o autor conta da morte do jovem torcedor de 16 anos com o mesmo tom corriqueiro com que trata os outros assuntos. A esta altura, deve-se frisar que a construção da experiência de torcedor organizado em Fortaleza não se efetivou num vazio social, cultural e simbólico. Pelo contrário. Esta construção teve seus contornos traçados por um discurso jornalístico carregado de estigma, acerca das torcidas organizadas européias, brasileiras, suas práticas e definições.

As matérias acerca das ações das organizadas no Brasil começam a aparecer com mais freqüência na década de oitenta do século passado, passando a assumir maiores proporções daí em diante, com momentos de pico, como em 1995, quando, em decorrência de um conflito entre torcedores do Palmeiras e do São Paulo, em pleno gramado do Pacaembu, no dia 20 de agosto, ocorreu a morte do torcedor são-paulino Márcio Gasparin da Silva, causada por pancadas na cabeça, desferidas por Adalberto Benedito dos Santos.

No Ceará, as torcidas organizadas começam a ocupar mais espaço na produção jornalística por volta do final dos anos oitenta e início dos noventa. Percebe-se, então, uma profusão de matérias que se referem, repetidamente, à festa e ao colorido das torcidas nos estádios, à ação das torcidas no sentido de cobrar técnicos, dirigentes e jogadores e, sobretudo, à ação violenta dos torcedores.

No caso de conflitos, existe um conjunto de informações sobre as torcidas organizadas que sempre é acionado, com pouquíssimas variações. Em todas as ocasiões de conflito, o discurso acumulado é novamente trazido acionado pelos programas esportivos e jornais. O tom das matérias carrega sempre aquela questão do "até quando vão permitir que isso aconteça?" O "isso" é justamente o conteúdo simbólico referente ao estigma associado às organizadas, sejam elas quais forem. Torcida Organizada torna-se, portanto, um significante cujo significado envolve o potencial festivo, sim, mas que também tem o forte estigma, que envolve as características anteriormente descritas.

As imagens divulgadas pelas televisões, jornais e sites oferecem um modelo a ser manuseado na construção de si e de seus grupos. Um lugar de importância, um lugar que sai na televisão, nos jornais, nas revistas, portanto, um lugar focalizado pela imprensa. Porém, os jovens das torcidas organizadas não se relacionam apenas com um dos elementos significativos que compõem o conteúdo simbólico das torcidas. Para dispor deste lugar de importância, é preciso ser torcedor e ser torcedor implica uma negociação com os termos do discurso que circulam nestes mesmos meios de comunicação.

Como já foi colocado anteriormente, a imensa maioria dos meninos que integravam as torcidas organizadas em Fortaleza vinha de um lugar de estigma. Estigma entendido como uma identidade imposta, compulsória, que age no sentido de promover uma unidade simbólica entre eles e os seus lugares de origem, os bairros da periferia. Estigma que torna invisível, pois só permite que o outro seja visto a partir da definição imposta, desaparecendo todo o resto. Bourdieu afirma que:

> O estigma produz a revolta contra o estigma, que começa pela reivindicação pública do estigma, constituído assim em emblema [...] e que termina na institucionalização do grupo produzido (mais ou menos totalmente) pelos efeitos econômicos e sociais da estigmatização.[7]

Os jovens lidam com uma identidade imposta e fazem o possível para não sumirem sob elas, e o possível, para estes jovens, passa pela violência, afinal a violência também sai nas revistas e nos jornais. As experiências dos torcedores organizados analisados informam sobre a busca de alternativas para pincelar de visibilidade e positividade vidas humanas, a partir das fontes de informação de que dispunham, através do capital de que dispunham. Era preciso ser visto, ser valorizado e, sobretudo, se reconhecer no olhar que vê e admira.

Conclusão

Acredito que posso passar à condução da discussão no sentido de classificar as torcidas organizadas enquanto lugar de força, portanto lugar de poder. Mesmo que as significações da violência não sejam transparentes e racionalizáveis para os jovens das organizadas, isso não significa que ela não obedeça a uma lógica que coordene a sua prática. Ela remete à necessidade de reconhecimento dentro do grupo eleito como social e simbolicamente relevante para os jovens torcedores: a torcida organizada.

Dentro destes coletivos, gestou-se processualmente um amálgama de valores que se interpenetram. Os códigos tradicionais da torcida, como a lealdade, a devoção e o amor ao time, experimentaram, com o tempo, a inscrição de outras práticas: a ideia de que a disposição para o conflito e a territorialização do corpo e da cidade representam formas de fugir da invisibilidade do estigma, que reduz a existência à projeção do olhar do outro. Fuga que se opera pela inversão mesma dos significados do estigma. Estar na torcida representa uma tentativa intensa de significar a própria existência, de garantir densidade antropológica.

Não seria possível cercar cada trajetória, cada percurso que conduziu cada torcedor à torcida organizada. É possível, todavia, afirmar que apesar da multiplicidade de caminhos que conduziram estes jovens às organizadas, é um dado irrevogável terem ido para um grupo com estas características, e não para outro qualquer. A torcida organizada é uma escolha de milhares de jovens de Fortaleza, que vão até ela em busca de si, em busca de ser, em busca da segurança do olhar do outro. Para isso, eles irão realizar o aprendizado de um estilo de vida específico. O

---
[7] BOURDIEU, Pierre. **Gostos de classe e estilos de vida** in ORTIZ, Renato (org). A sociologia de Pierre Bourdieu. São Paulo: Olho d'Água, 2003. Pg 125.

estilo de vida do torcedor organizado resultará de uma justaposição de códigos próprios ao campo cultural e simbólico das torcidas organizadas com as trajetórias e demandas pessoais dos jovens. E residem aí a diversidade e os tensionamentos de experiências articuladas por estes jovens torcedores dentro das organizadas, o motor de suas alianças e rupturas, e o lugar de origem do constante processo de construção e mudança, experimentados pelo grupo e por cada um de seus integrantes.

Dito isso, afirmo que neste trabalho as torcidas organizadas são entendidas como um espaço que possibilita àquele que nela ingressa, além de entretenimento, um lugar significativo de vivência e um canal para a comunicação das inquietações, das incertezas e dos impasses comuns a esta condição geracional, ou seja, a torcida é um lugar no mundo. A corporalidade viril e agressiva, a disposição para o conflito, o êxito comercial, a reciprocidade e o status da torcida por correspondência seriam, em linhas gerais, os fios com os quais os jovens torcedores organizados teceriam as redes de suas identificações, assumindo suas posições de sujeito e os seus lugares no mundo.